

O papel da pesquisa e extensão na vida acadêmica do professor e aluno

Prof. Luciano de Castro Garcia Leão¹

Palestra proferida no 1º Encontro Mineiro de Professores do Curso de Ciências Contábeis

Para quem não me conhece – e certamente será a maioria – sou um contador que gosta muito do tema da pesquisa contábil. Lido, como os colegas, com docentes e discentes de graduação e pós-graduação de formação e experiências heterogêneas e, com frequência, me deparo com diversos tratamentos para tal questão.

Assim, foi com muita honra e uma pitada de incômodo que aceitei o convite para proferir esta palestra no I Encontro Mineiro de Professores do Curso de Ciências Contábeis. É enorme honra poder servir aos meus amigos e ao meu Conselho, casa que sempre me apoiou ... mas me sinto em uma situação terrivelmente incômoda: os que ouvirem ou lerem estas vivências, e discordarem de mim, pensarão que eu, defendendo a pesquisa na vida acadêmica do contador, sou ou autoritário ou ignorante. Autoritário se tiver conhecimento do que defendo, ignorante se estiver defendendo coisas tomando-as por algo que não são.

Como sair desta posição incômoda? Oxalá eu possa consegui-lo dando-lhes informações e ao final deixando-lhes uma sugestiva reflexão.

1 UMA DISPUTA FERROZ ENTRE PRESTÍGIO E NECESSIDADE

As reflexões críticas dos fundamentos da ciência vêm sendo elaboradas desde tempos remotos. Filósofos e cientistas geralmente buscam alcançar uma compreensão adequada do que vem a ser o saber científico, como ele procede, em que consistem seus métodos, como a ciência atinge seus resultados, qual a sua credibilidade, entre outras questões.

¹ Mestre e Doutorando em Controladoria – USP
Professor de Graduação e Pós-graduação – lcgaleao@gcsnet.com.br

A investigação teórica acerca do fenômeno "ciência" tem recebido, ao longo dos anos, diversas denominações. Talvez as mais conhecidas sejam: epistemologia, teoria da ciência, filosofia da ciência e, também, metodologia. A metodologia, entretanto, seria uma parte mais restrita da epistemologia, pois, como a palavra sugere, ela investiga fundamentalmente os métodos, ou seja, os procedimentos que a ciência deve seguir para alcançar com êxito seu ideal, que é a **produção do saber**.

Dentro de tal processo de reflexão crítica e investigação teórica, é que se estabelecem as bases conceituais e contribuições enquanto metodologia de pesquisa científica em geral e, mais especificamente, em relação à Ciência Contábil, conhecidas como **racionalismo** e **empirismo**.

Eis uma arena feroz em que, posso me arriscar a dizer, de início, se degladiam, de um lado, o prestígio da herança dedutiva platônica e aristotélica que domina a cultura contábil e, de outro, a necessidade de uma filosofia contábil prática que corresponda às motivações contemporâneas.

Todavia, sendo a Contabilidade uma ciência social aplicada, parece-me absoluto demonstrar a necessidade de aplicação do empirismo à produção científica contábil e, mais ainda, remeter a discussão para o seu papel na vida acadêmica, em especial para o discente de graduação, seja por meio de monografias de conclusão de curso, extensões e estágios (curriculares e extra-curriculares, supervisionados ou não).

2 A ARENA DO "EMPÍRICO" E SUA APLICAÇÃO À PRODUÇÃO CIENTÍFICA

O termo empírico (do latim *empiricus* e grego *empeirikós*) remonta à Grécia antiga, de Demócrito e Epicuro, e é relativo ou pertencente ao empirismo e significa aquilo que **se conduz pela experiência, baseado na experiência ou dela derivado**.

Do ponto de vista psicológico, identifica-se com "sensismo" ou "sensualismo", à medida que somente aceita a realidade que se atinge pelos sentidos; mas, em termos estritamente epistemológicos, é caracterizado e definido pela afirmação de que **a validade das proposições depende exclusivamente da experiência sensível, negando a existência de axiomas** como princípios de conhecimento logicamente **independentes da experiência**.

Na Idade Média, seu mais significativo adepto foi Occam, último grande nome da filosofia medieval. Renegando a existência de conceitos abstratos e universais, Occam aceitava apenas termos ou nomes

cujos sentidos seriam o de designar indivíduos **revelados pela experiência, que permite conhecer as causas das coisas**. Assim, mesmo considerando a intuição como ponto de partida do conhecimento experimental que, pela generalização do particular, chega ao universal, à lei, Occam relevava uma **exigente concepção da prova e o agudo senso do concreto**.

Até parece, com esta exigência, que estamos lecionando perícia contábil ou auditoria, não ?!

Na Idade Moderna, a escola inglesa, tradicionalmente remontando-se a Francis Bacon, viria a consagrar o empirismo como critério de **distinção entre o que seria ou não parte da ciência**: o cientista principia observando os **fenômenos**, generaliza indutivamente (em busca de leis e teorias) para, afinal, após numerosas observações, constatar que há certas "regularidades" ou "conexões" entre os fenômenos observados, e confirmar as generalizações.

(Não se esgotou aí, todavia, o movimento do fenomenismo; na verdade, outras formas ainda o revelaram, podendo-se citar Thomas Hobbes, Bentham, Stuart Mill e Spencer como figuras representativas nos domínios da ética, da lógica e da filosofia da natureza).

Todavia, em minha opinião, merece destaque discutirmos neste fórum de experts a aplicação na pesquisa contábil do imaterialismo de Berkeley, por negar enfaticamente a possibilidade de existirem idéias abstratas. Sumariamente, a doutrina imaterialista consiste na negação da matéria. Berkeley **nunca negou a existência de objetos; de fato, eles existem, só que na condição de objetos percebidos**: "Esse est percipi" (Ser é ser percebido). O que se nega é a substância material, de existência independente do perceptor que as apreende: "Esse est percipere" (Ser é perceber).

Na atualidade, o empirismo é representado pelo neopositivismo (ou empirismo lógico) do chamado "Círculo de Viena", de Ernst Mach, Moritz Schlick, Kurt Gödel, Otto Neurath, Rudolf Carnap e Karl Popper. Este último, apesar de muitas vezes referido como um dos membros do Círculo, foi, em verdade, um crítico severo do positivismo lógico advogado pelos reais integrantes do neopositivismo.

Em suas obras, Popper (1980) assevera que a ciência progride ao atravessar três etapas:

- a) a colocação de um problema;
- b) a apresentação de conjecturas propostas como soluções (ainda que provisórias) para o problema em pauta;
- c) a tentativa honesta de refutar essas conjecturas.

Deste modo, a teoria, considerada científica para Popper, (1) fixa algumas condições sob as quais ela se tornaria insustentável e (2) não admite "verificação cabal", mas apenas "corroborações", entendidas como ausência de refutação.

Em meu entendimento, é extremamente valiosa esta noção de **verdade provisória** como a mola da pesquisa acadêmica e da evolução de nosso conhecimento contábil, o mesmo que Simonsen (1994, p.7) denominava para a economia de "princípio da relatividade do conhecimento".

3 A PRODUÇÃO CIENTÍFICA CONTÁBIL NA VIDA ACADÊMICA DO PROFESSOR E DO ALUNO

... Se eu escuto, eu esqueço; se eu vejo, eu me lembro; se eu faço, eu aprendo ...

Trazendo pontualmente a discussão para a esfera da relação professor e aluno, em sendo a Contabilidade uma ciência social aplicada, pareceria-me desnecessário evidenciar que a vida acadêmica do docente e do graduando só estará completa se a validade das proposições e princípios de conhecimento contábil "forem sujeitados" à experiência.

Somos testados diariamente, nas aulas, sobre a aplicabilidade ou não de cada peça do "quebra-cabeça" que ensinamos ... mas, que pena, o que considerarei desnecessário "não passou de minha **crença**".

Afinal, para os iniciados na Teoria Contábil, é inegável o caráter puramente prescritivo das teorias normativas predominantes em grande parte da literatura mundial até aproximadamente os anos 60.

Todavia, a introdução em disciplinas de economia e finanças de uma metodologia definida como empírica (no sentido de que se abster de toda hipótese que não resista à verificação experimental) foi entendida como um avanço no caráter e reconhecimento destas disciplinas perante a comunidade (toda a comunidade, mais ampla do que a exclusivamente científica).

A potencial extensão destes avanços se refletiu na preocupação de se implantar também nas ciências contábeis, principalmente a partir do final da década de 60, uma posição metodológica correlata, que promovesse a eliminação das hipóteses inverificáveis, contrariamente às chamadas teorias normativas então predominantes.

A simples negação de axiomas na Ciência Contábil dificulta, à primeira vista, a distinção entre empirismo e ceticismo, pelo mútuo esforço de indagação do dogma ... mas vou, mais uma vez, arriscar a

reconhecer a pesquisa, extensões e estágios na vida acadêmica do professor e aluno (ao menos no nível de graduação) como uma (senão a única) fonte válida de conhecimento contábil.

E mais, no plano de análise de reconhecimento perante a comunidade, inclusive científica, me atrevo a destacar a necessidade de colocar as monografias de conclusão de curso numa dimensão mais nobre que aquela abraçada por estágios curriculares e extra-curriculares, supervisionados ou não.

Em verdade, as experiências de orientação, seja como orientadores, seja como orientados, deixam evidentes em todos nós as profundas relações entre crença, filosofia e ciência. Tal relação (promiscua ou necessária) evidencia, por um lado, que **as descobertas científicas dependem da maneira de pensar dos contadores** e, por outro, que **essa maneira se modifica em função do progresso da ciência contábil**.

Mesmo sugerindo que a negação da existência de axiomas na Ciência Contábil é extremamente fértil para que surjam trabalhos acadêmicos de alta valia, seja da lavra de discentes, seja como obra de docentes, a aceitação da observação e experimentação como essenciais à criação científica é simplista porque evita um problema crítico para o **orientador**: qual a sequência entre o desenvolvimento da teoria e o processo de pesquisa empírica?

4 UMA POSSÍVEL ABORDAGEM "NATURALISTA"

Tentando responder esta pergunta, uma possível abordagem de sequência para a orientação da pesquisa contábil seria considerada "naturalista", ou de aplicação restrita do método baconiano.

A observação isenta (talvez passiva ?) do conjunto da natureza capacitaria o pesquisador contábil a descobrir teorias mais próximas à realidade; deste modo, sustenta-se que o dado empírico é um elemento primeiro, e que as teorias nascem das observações empíricas. Não "acho", todavia, uma abordagem ideal para a graduação.

Particularmente em relação à Contabilidade, a abordagem naturalista tem fomentado ainda hoje o processo de normatização das práticas, que nasce da análise e discussão das soluções observadas. Este procedimento remonta, segundo Watts e Zimermann (1986, p.4), às origens da pesquisa contábil (aproximadamente até o início do século XX), **na qual predominavam escritores de contabilidade interessados em descrever as práticas observadas no mercado e, a partir delas, prover regras pedagógicas para a profissão.**

É possível que eu acredite nisto: na idéia de que o dado se impõe ao sujeito, porque ele já conteria em si o conteúdo informativo, independentemente de qualquer posição teórica.

Este ponto deixa evidente a importância fundamental da probabilidade para o empirismo: pode-se, de acordo com DEMO (198, p. 108) "estatuir regularidades", servindo ao homem "pela possibilidade de fornecer elementos prognósticos de planejamento da realidade".

Todavia, também preciso então acreditar no **mito** (não sujeito a refutação) de que a capacidade de observação é praticamente a mesma em todos os contadores e contadoras, de modo que o "dado" poderia veicular em todos a mesma certeza, fora de qualquer consideração ideológica.

Isto, em minha opinião, é o primeiro perigo: **quem observa, observa alguma coisa**: já tem, desde o início, uma idéia em mente, idéia que vai ditar o que é e o que não é relevante observar, de modo que aluno e professor são levados a buscar só fatos que são decisivos para a confirmação de suas teorias.

E, neste contexto, a ocorrência de um fenômeno que contraria o modelo proposto pela teoria, ao contrário de falsificá-la (como Popper propõe), é considerado elemento factual perfeitamente normal, porém pouco provável.

O segundo perigo, em minha opinião, é que os modelos contábeis geralmente são conhecidos como modelos causais, porque se esforçam para desenvolver ou sustentar, no processo empírico, uma rede estruturada de relações de causalidade entre variáveis contábeis dependentes e independentes, necessária para se estabelecer inferências, por exemplo, supondo que as variáveis independentes causem as mudanças na variável dependente em determinada extensão, sob as condições sob as quais as observações foram feitas.

Segundo Asher, citado por ABDEL-KHALIK, AJINKYA (1979, p.26), para a atribuição da causalidade absoluta:

- a) *deve haver uma variação concomitante ou covariância entre X e Y', ou seja, entre as variáveis de interesse;*
- b) *deve haver uma 'simetria temporal ou ordenação de tempo entre as duas' variáveis;*
- c) *outros possíveis fatores causais que possam produzir o relacionamento observado entre X e Y devem ser sistematicamente eliminados.*

Um teste empírico na Ciência Contábil pode satisfazer as condições (a) e (b), porém a letra (c) é muito mais difícil de ser satisfeita. Para

qualquer fenômeno, há um número potencialmente infinito de hipóteses rivais, e é inconcebível que cada uma, e, por fim, todas elas, sejam sistematicamente negadas, como coloca Friedman (1953, p. 9): "se há uma hipótese que é consistente com a evidência disponível, há sempre um infinito número que também o é".

Por outro lado, mesmo considerando a parcialidade da causalidade manifestada, há também o aspecto da qualidade: o modelo empírico expressa uma causalidade real ou uma pseudocausalidade? Esta indagação surge de uma potencial confusão factual entre a maneira de ser de alguma coisa com sua maneira de manifestar, provocada pela existência de funções latentes: estas não podem ser relegadas como menos importantes, apenas porque não aparecem à primeira vista.

5 UMA POSSÍVEL ABORDAGEM "POPPERIANA"

Outra abordagem possível de "seqüência" para a orientação da pesquisa contábil é a de caráter hipotético-dedutivo (popperiana), com prévia definição do problema e da estrutura conceitual em relação ao desenvolvimento de hipóteses ou execução de testes empíricos. Neste contexto, para Demo (1981, p. 13), "**a experiência** aparece como método de **teste das teorias** e não mais como critério de demarcação científica", o que me parece uma abordagem factível para a graduação.

Considerando esta abordagem, o pesquisador contábil poderia ter certeza que uma teoria é declarada falsa, mas nunca pode ter certeza quando ela é declarada verdadeira. Assim, aceitar-se-á, como credencial de qualquer teoria, a sua capacidade de ser testada pela experiência, ainda que não oportunamente, sendo que os únicos testes possíveis são aqueles que, eventualmente, podem demonstrar a falsidade dos seus enunciados.

Em verdade, a partir de 1960, as pesquisas utilizando a abordagem popperiana na área de Contabilidade tornaram-se freqüentes; conforme Watts e Zimermann (1986, p.8) colocam, "a interpretação dos fatos (em contabilidade) depende das teorias ... nós não podemos provar que uma hipótese (contábil) é correta; o que é possível é refutar uma hipótese (a partir dos fatos)". Isto coloca quaisquer resultados probabilísticos em cheque: a verificação não pode ser tomada como credencial de uma teoria, mas o que diz que a teoria é falsa, é digno de confiança.

No entanto, uma análise de grande parte destas pesquisas pode verificar maior preocupação, por parte dos acadêmicos, em descrever (e não explicar) empiricamente os impactos das práticas contábeis na economia. Considera-se que a descrição de fenômenos, ou quasi-experi-

mento, refere-se à um processo empírico voltado exclusivamente à narrativa de uma realidade independente da interferência do observador, ou, conforme Abdel-Khalik e Ajinkya (1979, p. 31), "os dados vem de um ambiente que existiu ou de eventos que ocorreram sem a intervenção direta do pesquisador". Está presente em boa parte da literatura atual de contabilidade e finanças, como, por exemplo, em Ball e Smith (1993), Smith (1990), Watts e Zimmerman (1986).

Por outro lado, considera-se que na explicação de fenômenos, ou experimento, o observador, dentro de condições previamente definidas, a fim de verificar se produz determinados efeitos, é capaz de manipular explicitamente uma ou mais variáveis independentes e identifica grupos de experimentação e controle. Os jogos de empresas, por exemplo, são tradicionalmente utilizados como experimentos com características aproximadamente adequadas em relação ao anteriormente exposto.

6 UMA POSSÍVEL ABORDAGEM "IMATERIALISTA"

Todavia, acredito particularmente em uma abordagem alternativa para a orientação da pesquisa acadêmica, em que o dado empírico seja tido como fundamental e necessário, porém produto do posicionamento do pesquisador diante do elemento factual.

Demo (1981, p. 111) defende:

Ora, todo fato captado, pela própria captação, já está não só acontecido, mas sobretudo interpretado. (...) Como se explicaria que do mesmo dado se retiram interpretações contraditórias? É que o dado não fala por si mesmo, mas pela boca de uma teoria. Em outras palavras, há em toda coleta de dados, por mais 'objetivos' que sejam os métodos de controle e formalização, uma construção do real.

Entendi a proposta de DEMO [...] para mim, ele entrou para o "grupo dos grandes" [...]

Esta abordagem requer o empírico na gênese da criação científica contábil, porém reconhece:

- a) o posicionamento particular dos sentidos do observador (inclusive o instinto) em relação ao elemento factual; ou
- b) o posicionamento teórico (anterior) do observador em relação ao elemento factual (inclusive na determinação do que observar).

De fato, as teorias se constituem numa construção, inicialmente viciada por um repertório de idéias anteriores e pelos pré-conceitos (não necessariamente relacionados ao discurso científico vigente), que busca a compreensão de fatos observados; exige, em consequência, métodos para o seu desenvolvimento e teste. Com esta amplitude, me arrisco de novo: não acho esta abordagem ideal para a graduação.

De qualquer modo, é fundamental que o pesquisador contábil preocupe-se constantemente com os mecanismos de avaliação de seus resultados científicos: teorias científicas podem e devem ser metodicamente testadas, pois isto é o que separa o discurso da ciência de todos os demais discursos, de modo que tais testes busquem superar os discursos extra-científicos (de crenças e hábitos não verificáveis), pronunciando uma palavra final sobre a verdade ou falsidade de uma teoria.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratamos, em tão pouco tempo, de um problema que quem já orientou ou foi orientado vivenciou: qual o papel da pesquisa e extensão em minha vida acadêmica. Entendo que este é um problema que além de contábil é político pois a compreensão social que se tem do conhecimento contábil, do papel da própria informação contábil, varia muito no tempo e no espaço.

É importante destacar que o desenvolvimento dos conhecimentos humanos constitui uma marcha contraditória e não um trajeto só composto de sucessos. Muito pelo contrário, o erro é a regra, e não a exceção, que todavia consubstancia a semente essencial, vital, primordial de questionamento na qual a ciência capta homeopaticamente suas forças.

Espero ter saído deste encontro sem ser considerado autoritário, nem ignorante. Afinal, contrariamente às teorias normativas que predominam a produção científica contábil dominante, espero ter tomado a pesquisa na Ciência Contábil pelo que entendo que seja: a preocupação de se implantar nos cursos de graduação uma posição metodológica que, promovendo o teste metódico de teorias científicas, procura separar o discurso da ciência de todos os demais discursos.

Entretanto, seja em atividades de extensão, seja em estágios (curriculares e extra-curriculares, supervisionados ou não), mas principalmente para as monografias de conclusão de curso, emerge a questão de que a base empírica de qualquer pesquisa contábil é um problema profundamente teórico, que não possui nela qualquer evidência primeira em minha opinião. O que quero dizer, em outras palavras, é que o **problema empírico existe na medida de um quadro teórico que o faz existir.**

Na graduação, muitas vezes, é aí que a “bagagem” teórica e prática do **orientador** (ou **supervisor**) se manifesta: ajudando o orientado (ou supervisionado) a delinear este quadro da realidade. E, mesmo admitindo-se que a pesquisa comece de uma pura suspeita, e é aí que o **orientado** se manifesta, é claro que a suspeita é uma colocação do **sujeito**, não do objeto e, neste momento, a **experiência ganha relevância**, não como um fim em si mesmo (um critério de demarcação científica), mas **como método de firmar os conteúdos vistos e testar as teorias estudadas**.

Mas, se o nosso objetivo é a ciência, sejamos os primeiros críticos, e os mais ácidos, de nossas próprias convicções ou, como coloca Alves (1990, p. 180), “cada cientista consciente deveria lutar contra a sua própria teoria”. Que frase esta ALVES, em resumo, é um dos grandes ...

Os conceitos de “conquista” ou “progresso”, portanto, são antes de tudo temporais, parciais e, muitas vezes não interpretados, e a nossa contribuição sobrevive na parcialidade e da temporalidade de nossas proposições, sendo importante, mais do que nunca, defender o “direito ao erro”, condição vital do dinamismo científico.

Termino com um apelo, principalmente para aqueles que se aventuram no oceano de idéias da pós-graduação ... o apelo que faço a todos, e principalmente aos fanáticos convertidos ao empirismo, é para que não se desqualifiquem grosseiramente as idéias **dedutivas**, achacando-lhes pechas vexatórias que, por contrárias ao empírico, submetem os interlocutores do diálogo científico e acadêmico a posições desconcertantes e, o que é mais grave, injustas.

A ciência oferece um paradoxo ao pesquisador: um fato só pode ser testado se puder ser enunciado. Entretanto, a história da ciência e das grandes descobertas demonstrou que as imaginações criadoras (aquelas que geram e trazem à existência coisas que - obviamente - não existiam, buscam o que ainda não nasceu e o que ainda não foi pensado) constróem hipóteses ousadas exatamente por esta originalidade.

Tais hipóteses encontram o ceticismo e, muitas vezes, são barradas pela incapacidade de serem testadas ou de verificadas e, para os empíricos, **se não podem ser testadas, não pertencem ao jogo da ciência**; deste modo, a verificação, que não pode ser tomada como credencial de uma teoria, pode dignar-se a (ainda que momentaneamente) a desbancá-la.

É assim que, muitas vezes, pela incapacidade de testes mais acurados, ou pelo limite de teste inviabilizar uma conquista científica, pela própria ausência de enunciados a serem refutafos, a mentira permanece como status da ciência.

Termino por aqui. Muito obrigado por sua atenção !

8 REFERÊNCIAS

- ABDEL-KHALIK, A. Rashad.; AJINKYA, Bipin B. *Empirical research in accounting: a methodological viewpoint*. Sarasota: AAA, 1979.
- ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BALL, R. J.; SMITH Jr., Clifford W. *The economics of accounting policy choice*. New York: McGraw-Hill, 1993.
- CARVALHO, Maria C.M. (Org). *Construindo o saber*. Campinas: Papirus, 1991.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.
- CHEW Jr., Donald H. *The new corporate finance: where theory meets practice*. New York: McGraw-Hill, 1993.
- COHEN, H. Floris. *The scientific revolution: a historiographical inquiry*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1981.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.
- FAMA, Eugene. Efficient capital markets: a review of theory and empirical work. *Journal of Finance*, New York, v. 25, p.383-417, May, 1970.
- FRIEDMAN, M. *The methodology of positive economics: essays in positive economics*. Chicago: University of Chicago Press, 1953.
- HENDRIKSEN, Eldon S.; VAN BREDA, Michael. *Accounting theory*. 5. ed. Chicago: Irwin, 1992.
- KERLINGER, Fred N. *Metodologia de pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual*. São Paulo: EDUSP, 1980.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- LENTIN, Jean-Pierre. *Penso, logo me engano: breve história do besteiro científico*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997, cap. 1-8.
- POPPER, Karl Raymund. *A Lógica da investigação científica*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- POPPER, Karl Raymund. *Lógica das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- SILVA, Sônia, A. I. *Filosofia moderna: Uma Introdução*. São Paulo: EDUC, 1992.
- SIMONSEN, Mário Henrique. *Ensaio analítico*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

SMITH Jr., Clifford W. *The modern theory of corporate finance*. 2. ed. New York: McGraw-Hill, 1990.

WATTS, Ross L.; ZIMMERMAN, Jerold L. *Positive accounting theory*. Englewood-Cliffs: Prentice-Hall, 1986.

WILLIAMS, Patricia A. The relation between a prior earnings forecast by management and analyst response to a current management forecast. *The Accounting Review*, Sarasota, v. 71, n. 1, p. 103-113, Jan. 1996.